

JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

Volume 13, Número 1, Maio de 2024

Traduções

A surpreendente resiliência da democracia

Steven Levitsky e Lucan A. Way

**Países do Golfo Pérsico e sharp power:
de aliados a adversários**

Christopher Davidson

O autocrata em formação: 10 anos do regime Sisi

Hesham Sallam

A resistência global aos direitos LGBTQI

Phillip Ayoub e Kristina Stoeckl

Artigos Inéditos

Crise climática e crise da democracia?

**Um mapeamento dos desafios para as democracias
em um mundo que aquece**

Luiza Veronese Lacava, Marina Shlessarenko Fraife Barreto e

Mônica Sodré Pires

**A integração da África nas finanças internacionais
e suas consequências políticas**

Nicolas Lippolis

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**

FUNDA O FHC
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



Países do Golfo Pérsico e sharp power: de aliados a adversários

Christopher Davidson

Christopher Davidson é autor, mais recentemente, de *From Sheikhs to Sultanism: Statecraft and Authority in Saudi Arabia and the UAE [De xeques ao sultanismo: estadismo e autoridade na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes Unidos]* (2021).

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) são considerados, há muito tempo, um dos parceiros de segurança mais confiáveis dos Estados Unidos no Oriente Médio. No entanto, uma recente análise do Conselho Nacional de Inteligência (NIC) das atividades dos Emirados Árabes Unidos nos Estados Unidos sugere uma relação mais adversarial: o relatório, compilado em novembro de 2022, revela uma campanha contínua de ações hostis contra as instituições democráticas e a mídia dos EUA, bem como esforços para influenciar ilegalmente a política americana. De acordo com indivíduos que tiveram acesso ao relatório, as atividades dos EAU atravessam várias administrações presidenciais, vão “muito além da mera influência” e constituem “interferência na política americana”. Esta repentina atenção em relação aos EAU representa um “nível elevado de preocupação e um afastamento dramático da maneira elogiosa pela qual o país é mencionado em público pelos secretários de Estado e da Defesa e pelos presidentes dos EUA”¹.

Para alguns, no entanto, as conclusões do relatório não foram totalmente inesperadas, já que os Emirados Árabes Unidos têm sido associados a uma série de operações controversas não apenas nos Estados

*Publicado originalmente como “Gulf States and Sharp Power: Allies to Adversaries”, *Journal of Democracy*, Volume 35, Number 1, January 2024 © 2024 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

Unidos, mas em toda a Europa Ocidental e em outros lugares. O mesmo ocorreu, em graus variados, com as monarquias do Golfo da Arábia Saudita e do Qatar. As atividades desses Estados não se resumem mais a lobby agressivo, manobras militarizadas legais (“*lawfare*”) ou propaganda; agora incluem operações de influência secretas, sofisticadas, bem financiadas e bem equipadas. Em alguns casos, esses países foram acusados de espionagem explícita (incluindo invasão de computadores e infiltração de agentes) e, no caso da Arábia Saudita, de assassinato, rendição e intimidação de sauditas residentes nos Estados Unidos e na Europa.

Além da espionagem e da violência política da Arábia Saudita, essas monarquias parecem estar empregando uma forma de “*sharp power*” em suas relações com as democracias ocidentais. O Fórum Internacional de Estudos Democráticos cunhou esse termo em 2017 para descrever os esforços contemporâneos de regimes autoritários para “transfixar, penetrar ou perfurar os ambientes informacionais nos países-alvo”. Por meio desses métodos, regimes autoritários podem distorcer o ambiente político dentro das democracias e “minar a integridade das instituições independentes [das democracias]” para atender aos seus interesses.²

Amigo ou inimigo

À primeira vista, essa onda de hostilidade pode parecer confusa. A criação dos Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Qatar — semelhante às outras monarquias do Golfo — esteve intimamente ligada aos interesses imperiais britânicos e dos EUA na Guerra Fria. Desde então, esses Estados mantiveram relações na maior parte das vezes benéficas, embora assimétricas, com as potências ocidentais. Empresas norte-americanas e europeias, por exemplo, assumiram um papel de liderança na construção de suas indústrias nascentes de hidrocarbône-

tos e receberam acesso privilegiado a concessões e parcerias lucrativas. Pouco depois, o petróleo do Golfo Pérsico começou a ser vendido exclusivamente em “petrodólares”, que eram então rotineiramente transformados em títulos do Tesouro dos EUA e em participações em grandes empresas ocidentais, infraestrutura e imóveis. Em paralelo, os militares ocidentais começaram a servir como os principais garanti-dores de segurança no Golfo (como exemplificado pela libertação do Kuwait, liderada pelos EUA, após a invasão do país pelo Iraque em 1991), enquanto os países do Golfo canalizavam bilhões de dólares em receitas de hidrocarbonetos para a compra de armas ocidentais.

No século 21, esses acordos militares ou de “*hard power*” foram acompanhados por consideráveis esforços — particularmente pelos ultrarricos emiradenses e cataris — para adquirir influência por “*soft power*” sobre o Ocidente. Com base em sua antiga predileção pela “diplomacia do talão de cheques” em todo o mundo árabe e islâmico, essas monarquias “amistosas” começaram a adquirir ou patrocinar grandes marcas ocidentais, esportivas, culturais e educacionais, incluindo equipes de futebol de primeira linha, importantes torneios de hipismo, museus e galerias de renome e várias das principais universidades e instituições de pesquisa do mundo.

Apesar de alguns solavancos, no geral, a relação entre o Ocidente e esses países do Golfo parece ter permanecido forte, ou pelo menos sinérgica. Nos últimos anos, por exemplo, tanto os Emirados Árabes Unidos quanto a Arábia Saudita aumentaram a participação de títulos do Tesouro dos EUA em suas reservas, enquanto o Qatar emergiu como um dos maiores fornecedores de gás da União Europeia e o “fornecedor de última instância”³ do Reino Unido. Grandes acordos de comércio de armas seguiram em ritmo acelerado. No início de 2022, os Estados Unidos elevaram o Qatar ao status de “principal aliado não pertencente à OTAN”, e, em 2023, os Estados Unidos e a Arábia Saudita começaram a discutir um novo tratado de defesa mútua. Enquanto

isso, a construção de “*soft power*” dos Emirados Árabes, Arábia Saudita e Qatar claramente se intensificou: além de aumentar o financiamento de importantes *think tanks*, esses três países estão agora entre os principais doadores estrangeiros de universidades norte-americanas.⁴ Em termos desportivos, os investimentos dos Emirados Árabes e do Qatar também se aceleraram, e a Arábia Saudita também entrou em cena, comprando o time de futebol britânico Newcastle United em 2021 e financiando o controverso LIV Golf Tour, que recentemente se fundiu com o PGA Tour.

Além desses laços estreitos, o que é intrigante sobre as atividades hostis agora associadas aos Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Qatar é que elas têm sido o domínio de Estados mais visivelmente beligerantes ou antagonistas em relação ao Ocidente. A já mencionada avaliação do NIC sobre os Emirados Árabes Unidos observa que é raro que a inteligência dos EUA foque dessa maneira em uma “nação amiga em vez de uma potência adversária como Rússia, China ou Irã”. Mais importante, apesar de alguns trabalhos exploratórios sobre as monarquias do Golfo,⁵ os estudos sobre *sharp power* vêm se concentrando em rivais ocidentais tradicionais. O relatório de 2017 do Fórum Internacional de Estudos Democráticos, por exemplo, documentou os esforços russos e chineses para subverter democracias na América Latina e na Europa Central, enquanto investigações subsequentes examinaram as operações iranianas e norte-coreanas contra os Estados Unidos e outras grandes democracias.

O que explica, então, essa mudança de comportamento de algumas monarquias do Golfo em relação às democracias ocidentais? Diversas fontes — relatórios governamentais, análises de inteligência, processos judiciais e minhas entrevistas com ex-funcionários do Golfo e consultores políticos — sugerem que uma combinação de fatores internos e geopolíticos tem guiado os líderes dos Emirados Árabes, Arábia Saudita e Qatar para águas desconhecidas, comprometendo inevita-

velmente suas relações estabelecidas com o Ocidente. De forma geral, parece haver uma correlação robusta entre as formas mais adversariais de *sharp power* do Golfo e a natureza cada vez mais autocrática desses regimes, particularmente nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita. Isso, por sua vez, sinaliza que o alargamento dos pontos de tensão entre as democracias ocidentais e as autocracias do mundo pode agora estar separando parceiros internacionais outrora próximos.

Operações secretas de influência

Segundo a cobertura jornalística do relatório do NIC, os Emirados Árabes Unidos participaram de “tentativas ilegais e legais de influenciar a política externa dos EUA de maneiras favoráveis à autocracia árabe” e

exploraram as vulnerabilidades da governança americana, incluindo sua dependência de contribuições de campanha, suscetibilidade a poderosas empresas de lobby e aplicação pouco rigorosa das leis de transparência destinadas a proteger contra a interferência de governos estrangeiros.

Em março de 2018, por exemplo, foi relatado que um importante conselheiro dos Emirados Árabes havia canalizado grandes doações, por meio de um intermediário norte-americano, para legisladores dos EUA que analisavam uma legislação visando o Qatar, que havia emergido como seu principal rival regional.⁶ Em julho de 2023, o mesmo homem, juntamente com um empresário americano, foi então condenado por facilitar “contribuições ilegais” dos Emirados Árabes para “comitês políticos para obter acesso e influência junto a um então candidato à presidência dos Estados Unidos e outros em conexão com a eleição presidencial norte-americana de 2016”.⁷

Também surgiram detalhes de uma campanha saudita de desinformação visando fazer lobby contra a aprovação, em 2016, da Lei de

Justiça contra Patrocinadores do Terrorismo (JASTA). Ao permitir que vítimas norte-americanas de terrorismo internacional processassem qualquer país (em vez de apenas aqueles formalmente designados como patrocinadores estatais de terrorismo), a JASTA expôs efetivamente a Arábia Saudita a um longo processo judicial das famílias das vítimas do 11 de setembro que atribuem a culpa pelos ataques a membros do Estado saudita. Em resposta, a embaixada saudita nos Estados Unidos teria supostamente contratado mais de setenta pessoas terceirizadas para recrutar dezenas de ex-combatentes dos EUA para viajar a Washington, encontrar-se com legisladores e manifestar sua oposição à JASTA (sob o argumento de que poderia ter consequências não intencionais para membros das Forças Armadas dos EUA no exterior, que também poderiam ser processados). Muitos dos veteranos de guerra, no entanto, afirmaram não estar cientes do patrocínio saudita daquela viagem, e alguns afirmaram que foram “completamente enganados”, pois lhes havia sido dito, explicitamente, que o governo saudita não estava por trás da campanha. Posteriormente, o Departamento de Justiça dos EUA acusou essas pessoas terceirizadas de não divulgar prontamente o papel de um Estado estrangeiro ou registrar a fonte de seus pagamentos.⁸

De maneira mais dramática, no final de 2022, o Escritório Central de Repressão à Corrupção da polícia belga lançou uma investigação abrangente sobre uma organização criminosa envolvendo funcionários do Parlamento Europeu e os governos do Qatar e, em menor escala, do Marrocos e da Mauritânia. Os promotores afirmam ter extensas evidências de que o Qatar ofereceu suborno, ao longo de vários anos, para restringir as críticas da UE ao tratamento dado aos trabalhadores migrantes, especialmente às vésperas da Copa do Mundo de 2022. O Qatar também teria focado em debates sobre o acordo de trânsito aéreo da UE com a Qatar Airways (assinado em outubro de 2021), bem como uma votação em curso sobre permitir que cidadãos do Qatar e de

outros países do Golfo viajassem para a UE sem necessidade de visto. Como observou a ex-ministra das Relações Exteriores da Espanha, Arancha González, o “Qatargate” ameaça a integridade do Parlamento Europeu e seus membros eleitos popularmente e, assim, o coração da legitimidade democrática da UE. Da mesma forma, o jurista europeu Alberto Alemanno disse que o Qatargate “entrará para a história [da UE] como o maior e mais danoso escândalo político”.⁹

Enquanto isso, no ciberespaço, dezenas de campanhas de propaganda nas redes sociais tiveram sua autoria atribuída aos países do Golfo, em particular, os Emirados Árabes e a Arábia Saudita. Essas campanhas envolveram, em grande parte, a manipulação extensiva e coordenada de conteúdo em importantes plataformas digitais dos EUA, como Twitter (atual X) e Facebook. Essas campanhas tinham um foco na geração de perfis falsos de supostos cidadãos dos EUA e de outros países ocidentais e grande parte do material fraudulento estava em inglês. Pareciam visar tanto enganar (ou intimidar) o público ocidental e internacional quanto influenciar usuários locais e regionais. Em outubro de 2018, por exemplo, o Twitter anunciou que havia suspenso milhares de contas totalmente automatizadas que espalhavam mensagens frequentemente idênticas de apoio aos governos dos Emirados Árabes e da Arábia Saudita. O *New York Times* chegou a descrever uma “fazenda de trolls em Riad”, que estaria “enviando listas de pessoas para ameaçar, insultar e intimidar; cotas diárias de tuítes para preencher; e impulsionamento de mensagens pró-governo”.¹⁰

Desde então, esses Estados do Golfo têm intensificado seus esforços de manipulação nas redes sociais: uma investigação de fevereiro de 2019 concluiu que várias contas verificadas do Twitter haviam sido de alguma forma sequestradas por agentes que espalhavam propaganda pró-saudita.¹¹ O Facebook e o Twitter também relataram naquele ano terem removido milhares de contas que disseminavam as posições dos Emirados Árabes e da Arábia Saudita sobre o Qatar

e o Iêmen, enquanto quase seis mil perfis de redes sociais ligados a uma empresa saudita suspeita de fazer parte de uma “significativa operação de informação apoiada pelo Estado saudita” foram excluídos somente em dezembro.¹² Em abril de 2020, o Twitter excluiu mais cinco mil contas de sua plataforma depois que elas foram associadas a uma campanha de propaganda elogiando a liderança saudita e criticando o Qatar e a Turquia.¹³

Espionagem

Os Emirados Árabes Unidos ampliaram significativamente o escopo de suas tradicionais capacidades de *hacking* e vigilância, que antes se resumiam a dissidentes locais e regionais, passando a abranger uma série de alvos ocidentais e internacionais. Notavelmente, acredita-se que os Emirados Árabes tenham espionado funcionários do *Foreign Office* (Ministério das Relações Exteriores) do Reino Unido, a residência do primeiro-ministro britânico, advogados britânicos que representam a ex-esposa de um xeque sênior dos Emirados Árabes, membros de uma organização de direitos humanos com sede em Londres e pelo menos três jornalistas norte-americanos, a partir de meados da década de 2010, como parte do “Projeto Raven”.¹⁴

Embora a espionagem entre países aliados não seja novidade, as atividades dos Emirados Árabes são particularmente controversas, não apenas porque utilizam sistemas tecnológicos de ponta fabricados no Ocidente e em Israel, mas também porque foram, muitas vezes, conduzidas por ex-funcionários de inteligência dos EUA. De fato, de acordo com a avaliação do NIC, ao lado de extensas

interferências no sistema político americano, incluindo invasões de computadores nos Estados Unidos [...], os Emirados Árabes Unidos buscaram se tornar uma força no ciberespaço e fizeram uso questionável de

armas cibernéticas, incluindo o recrutamento de ex-funcionários dos EUA para trabalhos de vigilância contra os próprios Estados Unidos.¹⁵

Em setembro de 2021, três ex-funcionários da inteligência dos EUA — que já haviam confessado trabalhar para os Emirados Árabes Unidos — chegaram a um acordo de adiamento de processo junto ao Departamento de Justiça norte-americano em troca de quase US\$ 1,7 milhão em pagamentos de multas. De acordo com um comunicado de imprensa, eles estavam envolvidos no desenvolvimento de

sistemas sofisticados de hacking e coleta de inteligência com “zero-click” [...] para obter acesso não autorizado a computadores, como telefones celulares, em todo o mundo, incluindo nos Estados Unidos.¹⁶

O *hacking* da Arábia Saudita parece estar seguindo uma trajetória semelhante. Em setembro de 2015, seu serviço de inteligência teria tentado comprar uma das principais empresas italianas de *spyware*.¹⁷ E, no final de 2017, um alto funcionário saudita teria aberto negociações com uma das empresas israelenses que os Emirados Árabes haviam contratado e falado em “grandes planos para usar suas ferramentas de vigilância em todo o Oriente Médio e Europa”.¹⁸ Pouco depois, a Arábia Saudita assinou um acordo com uma empresa norte-americana que ajudaria a “treinar as crescentes fileiras de cibercombatentes do reino” e, como disse um porta-voz saudita, a “expandir horizontes”.¹⁹ Entre suas vítimas estão o fundador da Amazon e proprietário do *Washington Post*, Jeff Bezos, um jornalista do *New York Times* que está escrevendo um livro sobre a política saudita e funcionários do jornal britânico *The Guardian*.²⁰

Além do *hacking*, os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita também parecem estar experimentando formas mais tradicionais de espionagem: ambos foram acusados de ter agentes secretos nos Estados Unidos. Em agosto de 2022, por exemplo, um ex-funcionário do

Twitter foi condenado por espionagem em nome do Estado saudita por ter “vendido informações privadas de clientes a um governo estrangeiro” e tentado esconder um pagamento feito por autoridades sauditas.²¹ Dois outros apontados como parte do esquema já fugiram para a Arábia Saudita.²² Quanto aos Emirados Árabes, em julho de 2021, um empresário emiradense (que morava em Los Angeles antes de fugir dos Estados Unidos, em 2018) foi acusado de conspiração com cidadãos norte-americanos — a mando de altos funcionários dos Emirados Árabes Unidos — para influenciar a vitoriosa campanha presidencial de Donald Trump em 2016 e as posições de política externa de seu governo, além de tentar manipular a opinião pública em favor dos interesses emiradenses.²³

Violência política

Até agora, a Arábia Saudita tem sido o único país do Golfo a se envolver em violência política no Ocidente. Como descrevem as autoridades americanas, o “Grupo de Intervenção Rápida Saudita” (também chamado de “*Tiger Squad*” [esquadrão tigre]) foi criado em 2017 com o objetivo de realizar missões internacionais contra críticos influentes da Arábia Saudita.²⁴

A operação mais polêmica do *Tiger Squad* foi o assassinato e esquartejamento do jornalista Jamal Khashoggi, em outubro de 2018, dentro do Consulado da Arábia Saudita em Istambul (Turquia). Embora cidadão saudita, Khashoggi residia nos EUA e escrevia para o *Washington Post*. Pouco antes de sua morte, ele havia escrito vários dos artigos mais contundentes sobre o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman (MBS). Além disso, Khashoggi teria mantido contato com a equipe jurídica das vítimas do 11 de setembro, e um advogado afirmou em processos judiciais que Khashoggi tinha “informações valiosas”.²⁵ Em um relatório condenatório de novembro de

2018, a CIA concluiu não apenas que a Arábia Saudita era responsável pela morte de Khashoggi, mas que o próprio MBS provavelmente havia aprovado a operação.²⁶

De acordo com autoridades americanas, o *Tiger Squad* também foi responsável por repatriar à força cidadãos sauditas no exterior, que o regime saudita considerava problemáticos, e em seguida detê-los em palácios sauditas. Em agosto de 2017, por exemplo, surgiram relatos de três “príncipes dissidentes” que haviam sido sequestrados na França, Itália e Marrocos e levados de volta à Arábia Saudita. Em 2019, acreditava-se que pelo menos um outro “príncipe secundário” havia sido capturado.²⁷ Além disso, em toda a Europa e América do Norte, o Estado saudita esteve envolvido em vários outros casos de violência planejada ou comportamento intimidatório. De acordo com uma ação judicial movida por um ex-funcionário de segurança saudita com laços com um rival de MBS, em outubro de 2018, o príncipe herdeiro enviou o *Tiger Squad* ao Canadá (onde o funcionário vive exilado) com o objetivo de matá-lo ou repatriá-lo.²⁸ Em abril de 2019, um renomado crítico palestino de MBS, que mora na Noruega, revelou que havia sido colocado sob proteção da polícia norueguesa após receber um aviso das autoridades do país de que estava em perigo de uma ameaça não especificada “emanada do reino [saudita]”.²⁹ Da mesma forma, em janeiro de 2020, um satirista saudita radicado em Londres divulgou que a polícia o alertou sobre uma ameaça à sua vida, enquanto em junho de 2020, um proeminente dissidente saudita radicado no Canadá revelou que as autoridades receberam informações de que ele era um alvo em potencial.³⁰

Motivos do Golfo

Uma das explicações mais prevalentes para o aumento dessas atividades hostis é que Emirados Árabes, Arábia Saudita e Qatar têm se

antecipado e se preparado para um declínio da influência norte-americana sobre o Oriente Médio. Afinal, durante os protestos da Primavera Árabe (2010–2012), a região foi testemunha não apenas da relutância dos Estados Unidos em apoiar regimes pró-ocidentais no Egito e na Tunísia, mas também de sua indiferença às manifestações em massa no Bahrein — que só se dissiparam após uma intervenção militar conjunta saudita-emiradense. Além disso, o crescimento a partir de 2014 da produção de petróleo de xisto dos EUA aumentou significativamente a autossuficiência energética do país (reduzindo assim sua dependência das importações de hidrocarbonetos do Golfo), enquanto a tão propagada “guinada para a Ásia” do governo de Barack Obama (2009-2017) desviou ainda mais a atenção dos EUA do Oriente Médio.

Nesse contexto, entende-se que as monarquias do Golfo estejam tomando as rédeas da situação — sem se importar com as relações estabelecidas entre o Golfo e o Ocidente — ao mesmo tempo em que sinalizam a disposição de cooperar mais estreitamente com outras potências mundiais. Os Emirados Árabes Unidos, por exemplo, já vêm trabalhando contra os interesses dos EUA na Líbia, apoiando forças contrárias ao governo internacionalmente reconhecido, incluindo os mercenários do Grupo Wagner, da Rússia.³¹ Os Emirados Árabes Unidos também se tornaram um *hub* para escapar das sanções ocidentais impostas à Rússia após a invasão à Ucrânia em 2022. O Departamento do Tesouro dos EUA chegou a acusar os Emirados Árabes Unidos de facilitar a transferência de *drones* e outros suprimentos militares para a Rússia.³² Além disso, um recente relatório de inteligência dos EUA alega que a inteligência russa convenceu os Emirados Árabes Unidos a “trabalhar junto contra as agências de inteligência dos EUA e do Reino Unido”.³³ Em outros lugares do mundo, além de concordar com a Índia em realizar trocas comerciais em rúpias em vez de dólares americanos,³⁴ no último verão, os Emirados Árabes Unidos realizaram seus primeiros exercícios conjuntos de treinamento de sua força aérea

com as da China,³⁵ e se retiraram de uma grande coalizão naval regional liderada pelos EUA.³⁶

A crescente hostilidade dos Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Qatar em relação ao Ocidente está fortemente correlacionada com o aprofundamento do autoritarismo de seus regimes já não democráticos, que nos últimos anos pararam de fingir apoiar reformas e de falar sobre democratização.

O relacionamento próspero da Arábia Saudita com o principal fundo soberano da Rússia também se mostrou controverso no Ocidente, especialmente desde o início da guerra na Ucrânia.³⁷ Também têm sido alvo de críticas os relatos de que a Arábia Saudita está fabricando mísseis balísticos com a ajuda da China e que a empresa estatal de

petróleo e gás do país está considerando precificar parte de seu petróleo em yuan chinês em vez de dólares americanos.³⁸ Enquanto isso, o Qatar tem diversificado suas compras de armas, reduzindo a participação de países do Ocidente, comprando sistemas de mísseis e foguetes chineses em 2017 e armas antitanque e de pequeno porte russas em 2018. Em 2019, o Qatar teria realizado negociações preliminares com a Rússia para a aquisição de seu sistema de defesa antimísseis S-400.³⁹

Embora essas e outras ações semelhantes dos países do Golfo tenham adicionado tensão às suas relações com o Ocidente e provavelmente indiquem um realinhamento geopolítico de longo prazo, no curto prazo as bases das relações entre o Golfo Pérsico e o Ocidente parecem bastante fortes. Mesmo que os Estados Unidos tenham reduzido a importação de energia da região (devido ao crescimento da produção de petróleo de xisto em território norte-americano), a Europa provavelmente continuará dependente do petróleo do Golfo por muitos anos, e nem a Rússia nem a China parecem prontas para oferecer aos países do Golfo amplas garantias de segurança. O desempenho

militar insatisfatório da Rússia na Guerra da Ucrânia reavivou as percepções de Estados do Golfo de que as potências ocidentais ainda são a melhor aposta, enquanto a China — embora festejada por intermediar a recente reaproximação entre a Arábia Saudita e o Irã — é vista pelos líderes da região como um país que se beneficia indiretamente da proteção marítima dos EUA.

Por essas razões, em vez da política de grandes potências, a nova abordagem dos Emirados Árabes Unidos, da Arábia Saudita e do Qatar em relação ao Ocidente parece ser mais bem explicada pelos interesses e ressentimentos dos próprios países — e, mais especificamente, pela necessidade de sobrevivência de seus regimes autoritários ou o sucesso de suas políticas externas regionais linha-dura. Em certa medida, o foco específico desses países explica por que as outras monarquias do Golfo, como Bahrein, Kuwait e Omã, permaneceram em grande parte à margem. De fato, embora sem dúvida compartilhem algumas das mesmas preocupações com o Ocidente que os Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Qatar, eles têm lidado com situações econômicas domésticas muito mais desafiadoras e, em alguns casos, agitação ou polarização política muito maiores.

Emirados Árabes Unidos. Nos últimos anos, os Emirados Árabes Unidos tiveram diferenças significativas com os Estados Unidos sobre o Islã político, o expansionismo iraniano e a necessidade de uma nova liderança na Arábia Saudita, o aliado mais próximo e significativo dos Emirados Árabes. O presidente e governante de fato do país de longa data, Mohammed bin Zayed (MBZ), sempre identificou os islamistas como a sua principal ameaça existencial — não apenas para seu próprio regime, mas também para outros líderes autoritários “moderados” da região. Ele acredita que esses grupos islamitas poderiam desafiar tanto as “monarquias tradicionais” legitimadas religiosamente quanto os potentados seculares e supostamente apoiar processos democráticos mais ao estilo ocidental. Por essa razão, embora MBZ tenha des-

mantelado com sucesso o ramo islamista dos Emirados Árabes Unidos entre 2011 e 2012, as autoridades emiradenses que entrevistei na época expressaram grande apreensão em relação ao que percebiam como traição do governo Obama aos então ditadores do Egito e da Tunísia durante a Primavera Árabe. Além disso, eles ficaram consternados com a rapidez com que os Estados Unidos apoiaram os movimentos políticos islâmicos que sucederam os governantes autocratas do norte da África na esteira da Primavera Árabe.

Como resultado de sua desconfiança em relação aos islamistas, MBZ também ficou perturbado com a crescente influência do vizinho Qatar nos círculos políticos ocidentais. O Qatar — em um esforço para se proteger contra a dominação regional dos Emirados Árabes e da Arábia Saudita — há muito tempo forneceu apoio financeiro a movimentos islâmicos, enquanto sua rede de mídia pública Al-Jazeera fez uma cobertura simpática à organização islâmica mais influente do Egito, a Irmandade Muçulmana.*

O líder emirense MBZ também discordou da política ocidental em relação ao Irã: ele se opôs fortemente ao Plano de Ação Conjunto Global (JCPOA) de 2015, que impôs limites ao programa nuclear iraniano em troca do alívio às sanções ocidentais ao regime dos aiatolás. Ele também considerou o apoio logístico dos EUA à intervenção conjunta dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita contra os *houthis* do Irã no Iêmen (que também começou em 2015) insuficiente e pouco empenhado.

MBZ expressou insatisfação semelhante com o apoio dos EUA a Mohammed bin Nayef (MBN), que foi príncipe herdeiro da Arábia Saudita de 2015 a 2017. Além de evidências de animosidade pessoal entre os dois homens,⁴⁰ minhas entrevistas com assessores políticos dos Emirados Árabes Unidos em 2018 e 2019 revelaram que MBZ

* Nota do editor brasileiro: A Irmandade Muçulmana venceu as eleições de 2012 no Egito e governou o país por cerca de um ano, mas em 2013 foi deposta por um golpe militar liderado pelo General Abdel Fattah al-Sisi. Eleito presidente em 2014, Sisi consolidou-se no poder e já foi reeleito duas vezes desde então.

não havia ficado impressionado com os laços de MBN com os serviços de inteligência ocidentais, julgava-o incapaz de reduzir a médio prazo a dependência econômica saudita das exportações de petróleo, controlar a dívida pública, combater a corrupção arraigada da elite do país, neutralizar os islamistas e evitar um eventual fracasso do regime saudita.⁴¹ Como resultado, MBZ estava determinado a redirecionar, por todos os meios necessários, o apoio dos EUA para Mohammad Bin Salman (MBS), que havia sido nomeado ministro da Defesa da Arábia Saudita em janeiro de 2015.[†]

Arábia Saudita. Não é surpreendente que, uma vez que MBS se tornou príncipe herdeiro em 2017, a maioria das preocupações da Arábia Saudita com os Estados Unidos se alinhasse estreitamente com as dos Emirados Árabes Unidos. Por exemplo, entende-se que MBS tenha ficado extremamente incomodado com a crescente influência de populares pregadores islâmicos sauditas, muitos dos quais tinham milhões de discípulos online e eram frequentemente retratados pela mídia ocidental como reformadores pró-democracia.⁴² MBS também ficou conhecido por ter ficado particularmente ofendido pela entrevista de Barack Obama à revista *Atlantic* em 2016, na qual o então presidente dos EUA criticou fortemente a rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irã e sugeriu que os dois lados precisavam “compartilhar a vizinhança”.⁴³

Além disso, em meio aos esforços de MBS para distanciar seu regime embrionário do apoio histórico da Arábia Saudita à Al-Qaeda e outros grupos extremistas (e pouco antes da mencionada promulgação da JASTA), em julho de 2016 o Congresso dos EUA retirou o sigilo das “28 páginas” — a seção previamente censurada de um relatório conjunto do Congresso que abordava as conexões sauditas com os ataques de 11 de setembro. Embora o governo saudita tenha tentado se

[†] Nota do editor brasileiro: Mohammad Bin Salman (MBS) assumiu o posto de primeiro-ministro da Arábia Saudita em 2022 e acabou se consolidando na posição de príncipe herdeiro da Arábia Saudita, vencendo uma disputa pelo poder com seu primo Mohammad Bin Salman (MBS), destituído do cargo de príncipe-herdeiro e dos demais cargos que ocupava em 2017.

antecipar ao problema apoiando oficialmente o fim do sigilo e, depois, iniciando uma campanha de relações públicas para classificar o conteúdo do relatório como insignificante, MBS ainda temia a reação da população norte-americana.⁴⁴

Até certo ponto, as relações dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita com os Estados Unidos melhoraram no governo Trump (2017-2021), especialmente após a retirada dos EUA do JCPOA em 2018. Além disso, Trump não apenas fez de MBS o foco de sua primeira visita de Estado ao exterior, em maio de 2017, mas algumas semanas depois ele parabenizou calorosamente MBS por sua nomeação como príncipe herdeiro (apesar da consequente expulsão de MBN, até então apoiado pelos EUA). Após o assassinato de Khashoggi, Trump em Istambul, Trump colocou em dúvida a análise da CIA sobre a situação e depois rejeitou um pedido da ONU para que o FBI iniciasse uma investigação sobre o crime.

No entanto, os Emirados Árabes e a Arábia Saudita permaneceram cautelosos e havia tensão significativa com o governo norte-americano em quase todos os outros temas. Em relação ao islamismo, por exemplo, os esforços de Trump para designar a Irmandade Muçulmana como uma organização terrorista estrangeira efetivamente estagnaram, enquanto seu apoio inicial no Twitter ao bloqueio ao Qatar (iniciado em junho de 2017), liderado pelos Emirados Árabes e pela Arábia Saudita, logo se dissipou, e suas tentativas posteriores de intermediar uma reunião de paz em Camp David (EUA) não foram bem recebidas. Ainda mais grave, Trump era visto como muito pouco confiável em relação ao Irã. Ele não apenas recuou dos ataques planejados dos EUA contra o Irã em junho de 2019 como, alguns meses depois, não pressionou por nenhum tipo de retaliação dos EUA após os ataques de drones ligados ao Irã à infraestrutura petrolífera da Arábia Saudita.

Embora o atual presidente norte-americano Joe Biden (que sucedeu Trump em 2021) não tenha piorado as coisas (como muitos nos

Emirados Árabes e na Arábia Saudita temiam, dadas as suas promessas de campanha de responsabilizar MBS pela morte de Khashoggi), também há uma sensação de que nada melhorou nas relações desses países do Golfo com os EUA. O fim do bloqueio ao Qatar algumas semanas antes da posse de Biden, por exemplo, foi provavelmente mais motivado pelo desejo de MBS de apresentar uma frente árabe unida dos países do Golfo contra o Irã do que por um espírito de reconciliação ou a necessidade de aplacar o novo governo norte-americano. Na verdade, pode haver considerável ressentimento emiradense em relação ao acordo com o Qatar. Enquanto isso, a garantia de segurança dos EUA continua sendo questionada. Os ataques aéreos ligados aos *houthis* em janeiro de 2022 no aeroporto de Abu Dhabi (capital dos Emirados Árabes Unidos) não provocaram nenhuma retaliação específica dos Estados Unidos (e podem até ter levado Washington a exigir pagamento por mais assistência de defesa).⁴⁵ Da mesma forma, os ataques transfronteiriços de março de 2022 em várias instalações importantes de energia e dessalinização da Arábia Saudita receberam pouco mais do que uma branda condenação por parte dos EUA e certamente nenhuma resposta militar.

Qatar. A maioria das preocupações do Qatar em relação aos Estados Unidos têm sido igualmente sérias, mas, muitas vezes, refletem objetivos e prioridades muito diferentes. Na esteira da Primavera Árabe, por exemplo, a principal queixa de Doha (capital do Qatar) não foi a aparente deslealdade de Washington para com os depostos líderes do Egito e da Tunísia, mas sim sua indiferença em relação ao golpe militar no Egito em julho de 2013, apoiado pelos Emirados Árabes Unidos e pela Arábia Saudita. O problema aumentou em 2017, quando o Qatar não conseguiu convencer os Estados Unidos a por fim ao bloqueio ao país, apesar da presença militar massiva dos EUA em solo catari. Embora as relações do Qatar com os Estados Unidos tenham sem dúvida melhorado durante o governo Biden — dados o fim do bloqueio e a

atualização do país para o status de grande aliado não pertencente à OTAN —, a tensão com outros países ocidentais tem aumentado.

Por exemplo, o governo do Qatar temia que qualquer crítica ou investigação formal europeia sobre o país pudesse prejudicar (ou frustrar) a realização da já controversa Copa do Mundo de 2022, que era vista como central para diversificar a economia, reduzindo a participação dos hidrocarbonetos, e acumular mais *soft power*. Como resultado, além de tentar direcionar debates economicamente consequentes da UE a favor do Qatar (como exemplificado pelo acordo de trânsito aéreo mencionado anteriormente), o regime sentiu uma necessidade crescente de repelir quaisquer alegações envolvendo corrupção, abusos de direitos humanos ou outras questões controversas. Anteriormente, o ministro das Relações Exteriores do Qatar havia rechaçado a cobertura europeia das condições dos trabalhadores migrantes do país e as alegações de corrupção sobre sua candidatura à Copa do Mundo como uma “campanha de difamação” baseada em “preconceito e racismo”.⁴⁶

O panorama geral

Além dos motivos específicos dos Emirados Árabes, da Arábia Saudita e do Qatar — que em grande parte se alinham às expectativas da “teoria realista das relações internacionais” — sua crescente hostilidade em relação ao Ocidente está fortemente correlacionada com o aprofundamento do crescente autoritarismo de seus regimes, que nos últimos anos pararam de fingir apoiar reformas e de falar sobre democratização. Paralelamente ao fenômeno global de “retrocesso democrático”, eles estão emergindo como exemplos notáveis de autoritarismo descarado e assertivo.

As principais análises dos níveis de democracia (ou melhor, de autoritarismo) nesses países do Golfo sugerem claramente um estreitamento de quase todas as liberdades políticas e civis remanescentes

na região. Há cinco anos, por exemplo, o observatório da democracia Freedom House havia atribuído aos Emirados Árabes Unidos uma pontuação global de liberdade de 20 (em uma escala de 100 pontos), enquanto a Arábia Saudita obteve 10 e o Qatar, 26. Até 2022, no entanto, suas pontuações haviam retrocedido à categoria “não livre”, com os Emirados Árabes recebendo 18, a Arábia Saudita, 8, e o Qatar, 25. Dados do projeto Variedades da Democracia contam uma história muito semelhante, com grande parte da queda nos índices atribuída a repressões à liberdade de expressão e crescentes restrições às ONGs.

Publicamente, esses Estados também parecem mais abertos em relação a sua guinada autoritária. MBS, por exemplo, disse uma vez em uma reunião no Vale do Silício (Califórnia) que “há uma vantagem [...] no tipo de mudança rápida que um monarca absoluto pode fazer com um só passo, enquanto uma democracia tradicional precisaria de dez passos”.⁴⁷ Da mesma forma, um alto funcionário dos Emirados Árabes Unidos confirmou, em 2012, que um sistema multipartidário não fazia parte do “objetivo final” de seu governo, pois não “corresponde à nossa cultura ou desenvolvimento histórico”.⁴⁸ Embora o Qatar tenha finalmente realizado suas primeiras eleições para a Assembleia Consultiva em outubro de 2021 (após oito anos de atrasos), nenhum esforço foi feito para garantir um sufrágio justo: uma nova lei eleitoral perniciosamente excluiu tribos inteiras e milhares de cidadãos naturalizados.

À medida que os regimes dos Emirados Árabes e da Arábia Saudita se tornaram mais autoritários, eles também se tornaram mais personalistas. Notavelmente, o antigo modelo de governança baseado em consenso parece ter sido substituído pelos círculos internos muito mais restritos de MBZ e MBS, que incluem apenas familiares e amigos próximos.⁴⁹ Essa mudança autocrática deu a MBZ e MBS controle irrestrito sobre os instrumentos do poder estatal, incluindo política externa, segurança nacional e serviços de inteligência. Além disso, claramente “tratando as instituições do Estado como seus instrumentos

personais” — de acordo com a definição clássica de sultanismo de Max Weber — e ignorando arbitrariamente as restrições tradicionais ao seu poder, seus regimes já estão se comportando de maneira precipitada, propensa a erros ou excessivamente agressiva.

É importante ressaltar que essa tendência não é tão aparente nas outras monarquias do Golfo. É difícil afirmar que o emir do Qatar governa de maneira personalista; diversas outras pessoas ainda exercem considerável influência nos bastidores. A família que governa o Kuwait está fragmentada; seu emir é incapaz de dissipar os conflitos dinásticos ou conter a Assembleia Nacional. Mesmo que o Bahrein esteja se tornando mais autoritário, isso parece ser impulsionado por interesses coletivos do regime, em vez de uma tomada de poder por um indivíduo. Enquanto isso, o novo governante de Omã (o único “sultão” oficial do Golfo), já se comprometeu com o “*business as usual*”. Sua decisão de conceder posições importantes no governo a supostos rivais sugere que ele pode até estar aberto a governar por coalizão.

De maneira geral, parece significativo que, dos três países do Golfo mais dispostos a empregar táticas hostis em relação ao Ocidente, os dois que buscam as formas mais arriscadas de *sharp power* — os Emirados Árabes e a Arábia Saudita — representam os casos mais extremos de personalismo (ou, como o chamei, com base em seus altos níveis de desenvolvimento econômico, “sultanismo avançado”).⁵⁰ Além disso, embora os esforços desses três países para desorganizar seletivamente as instituições democráticas ocidentais, semear confusão e (no caso da Arábia Saudita) exercer violência política tenham sido claramente meios para fins específicos do Estado, eles sem dúvida enfraqueceram a integridade democrática do Ocidente e comprometeram sua segurança. Afinal, seus agentes interferiram em campanhas políticas, subverteram parlamentos, roubaram dados sensíveis e intimidaram (e às vezes mataram) cidadãos ocidentais.

As relações entre o Golfo e o Ocidente entraram, portanto, em uma era mais complexa e imprevisível, e as ramificações mais amplas já estão sendo sentidas: aliados históricos não estão isentos da crescente divisão global entre democracias e autocracias, a futura cooperação política entre o Golfo Pérsico e o Ocidente está longe de ser algo garantido, e o Ocidente precisará reavaliar suas prioridades de segurança nacional em relação ao Golfo. Nuances maiores já estão aparecendo nas análises de inteligência focadas no Golfo, reclassificando seus países como potenciais adversários (conforme o relatório do NIC sobre os Emirados Árabes), enquanto o Parlamento Europeu tem elaborado novas diretrizes sobre interações com diplomatas e lobistas do Golfo.⁵¹

É pouco provável que tais medidas sejam suficientes. O Ocidente tem pouco controle real sobre a guinada cada vez mais autoritária de seus “parceiros” do Golfo, e tudo indica que os Emirados Árabes, a Arábia Saudita e o Qatar continuarão a ver as instituições democráticas ocidentais e a segurança nacional como alvos legítimos. Assim, há uma demanda urgente por capacidades de contraespionagem mais robustas calibradas para o Golfo e suas operações de influência sofisticadas. Democracias ocidentais iniciaram um novo capítulo com os países do Golfo, e seus laços devem estar baseados nas realidades atuais, não em um passado cada vez mais distante.

Notas

¹ John Hudson, “U.S. Intelligence Report Says Key Gulf Ally Meddled in American Politics”, *Washington Post*, 12 novembro 2022.

² Christopher Walker e Jessica Ludwig, eds., *Sharp Power: Rising Authoritarian Influence* (Washington, D.C.: National Endowment for Democracy, 2017), 13; Christopher Walker, “What Is ‘Sharp Power’?”, *Journal of Democracy* 29 (julho 2018): 11–12 (Ed. bras.: “O que é ‘sharp power’ e como ele perfura as instituições democráticas”, *Journal of Democracy em português* 7, n. 2 [novembro 2018]).

³ Nikolay Kozhanov, “Qatar Is No Short-Term Savior, but It May Still Play a Role in Strengthening EU Energy Security”, Middle East Institute, 7 fevereiro 2022.

⁴ “College Foreign Gift and Contract Report”, U.S. Department of Education, 22 outubro 2022.

⁵ Ver, por exemplo, Panos Kourgiotis, “‘Moderate Islam’ Made in the United Arab Emirates: Public Diplomacy and the Politics of Containment”, *Religions* 11 (janeiro 2020); Sarath K. Ganji, “The Rise of Sportswashing”, *Journal of Democracy* 34 (abril de 2023): 62–77.

⁶ Desmond Butler, Tom LoBianco e Bradley Klapper, “Mueller Probe Witness Secretly Backed UAE Agenda in Congress”, Associated Press, 25 março 2018.

⁷ U.S. Department of Justice, “Businessman Sentenced for \$3.5M Foreign Conduit Contribution Scheme”, 18 julho 2023.

⁸ Jon Gambrell, “Saudis Paid for US Veteran Trips Against 9/11 Lawsuit Law”, Associated Press, 11 maio 2017.

⁹ Eleni Varvitsioti et al., “Inside the ‘Qatargate’ Graft Scandal Rocking the EU”, *Financial Times*, 29 janeiro 2023; Jakob Hanke Vela, “Scandal Pushes MEPs to Review Qatar Airways’ Access Deal with EU”, *Politico*, 13 dezembro 2022; Alemanno citado em “Qatargate Will Go Down in History as the Largest and Most Damaging Political Scandal”, France 24, 18 janeiro 2023.

¹⁰ Katie Benner et al., “Saudis’ Image Makers: A Troll Army and a Twitter Insider”, *New York Times*, 20 outubro 2018.

¹¹ Marc Owen Jones, “Saudi Trolls Hijacking Dead People’s Twitter Accounts to Amplify Riyadh Propaganda”, *New Arab*, 25 fevereiro 2019.

¹² Nathaniel Gleicher, “Removing Coordinated Inauthentic Behavior in UAE, Egypt and Saudi Arabia”, Meta, 1º agosto 2019; Twitter Safety, “Disclosing New Data to Our Archive of Information Operations”, blog do Twitter, 20 setembro 2019; Twitter Safety, “New Disclosures to Our Archive of State-Backed Information Operations”, blog do Twitter, 20 dezembro 2019.

¹³ Twitter Safety, 2 abril 2020, Twitter, <https://twitter.com/TwitterSafety/status/1245682439969792005>.

¹⁴ Ronald J. Deibert, “Subversion Inc: The Age of Private Espionage”, *Journal of Democracy* 33 (abril 2022): 28–44.

¹⁵ Tim Starks, “The Strongest Evidence Yet That UAE Is Trying to Meddle in U.S. Politics”, *Washington Post*, 14 novembro 2022.

¹⁶ U.S. Department of Justice, “Three Former U.S. Intelligence Community and Military Personnel Agree to Pay More than \$1.68 Million to Resolve Criminal Charges Arising from Their Provision of Hacking-Related Services to a Foreign Government”, comunicado de imprensa, 14 setembro 2021.

¹⁷ John Leyden, “Saudi Arabia: They Liked Hacking Team So Much They Tried to Buy the Company”, *The Register*, 28 setembro 2015.

¹⁸ Mark Mazzetti et al., “A New Age of Warfare: How Internet Mercenaries Do Battle for Authoritarian Governments”, *New York Times*, 21 março 2019.

¹⁹ Michael Forsythe et al., “Consulting Firms Keep Lucrative Saudi Alliance, Shaping Crown Prince’s Vision”, *New York Times*, 4 novembro 2018.

²⁰ Stephanie Kirchgaessner, “Jeff Bezos Hack: Amazon Boss’s Phone ‘Hacked by Saudi Crown Prince’”, *Guardian*, 22 janeiro 2020; Bill Marczak et al., “New York Times Journalist Ben Hubbard Hacked with Pegasus After Reporting on Previous Hacking Attempts”, blog Citizen Lab Targeted Threats, 24 outubro 2021; “Guardian Told It Was Target of Saudi Hacking Unit After Khashoggi Killing”, *Guardian*, 19 junho 2019.

²¹ “Former Twitter Employee Is Convicted in Saudi Spy Case”, Reuters, 9 agosto 2022.

²² U.S. Department of Justice, “Two Former Twitter Employees and a Saudi National Charged as Acting as Illegal Agents of Saudi Arabia”, comunicado de imprensa, 7 novembro 2019.

²³ Os supostos co-conspiradores do empresário dos Emirados Árabes Unidos, ambos cidadãos americanos, foram posteriormente absolvidos pelo júri em novembro de 2022. U.S. Department of Justice, “Former Advisor to Presidential Candidate Among Three Defendants Charged with Acting as Agents of a Foreign Government”, comunicado de imprensa, 20 julho 2021; Rebecca Davis O’Brien, “Former Trump Adviser Acquitted on Charges of Acting as Emirati Agent”, *New York Times*, 4 novembro 2022.

²⁴ Mark Mazzetti e Ben Hubbard, “It Wasn’t Just Khashoggi: A Saudi Prince’s Brutal Drive to Crush Dissent”, *New York Times*, 17 março 2019.

²⁵ Adam Klasfeld, “9/11 Families Detail Meeting with Slain Reporter Khashoggi”, Courthouse News Service, 4 março 2020.

²⁶ Shane Harris, Greg Miller e Josh Dawsey, “CIA Concludes Saudi Crown Prince Ordered Jamal Khashoggi’s Assassination”, *Washington Post*, 16 novembro 2018.

²⁷ Reda El Mawy, “Saudi Arabia’s Missing Princes”, BBC, 15 agosto 2017; Mazzetti e Hubbard, “It Wasn’t Just Khashoggi”.

²⁸ Spencer S. Hsu e Shane Harris, “Former Saudi Intelligence Officer Accuses

Crown Prince of Ordering His Assassination in Canada”, *Washington Post*, 6 agosto 2020; “Saudi ‘Tiger Squad’ Lawsuit”, Public Safety Canada, 7 agosto 2020.

²⁹ Stephanie Kirchgaessner e Nick Hopkins, “CIA Warns Arab Activist of Potential Threat from Saudi Arabia”, *Guardian*, 7 maio 2019.

³⁰ David Segal, “He Mocks Saudi Arabia on YouTube. Yes, He Fears for His Safety”, *New York Times*, 30 janeiro 2020; Stephanie Kirchgaessner, “‘Exclusive: Saudi Dissident Warned by Canadian Police He Is a Target’”, *Guardian*, 21 junho 2020.

³¹ David Pilling et al., “Wagner’s Future in Africa in Question After Russian Mutiny”, *Financial Times*, 28 junho 2023.

³² Matthew T. Page e Jodi Vittori, *Kleptocratic Adaptation: Anticipating the Next Stage in the Battle Against Transnational Kleptocracy* (Washington, D.C.: National Endowment for Democracy, 2023); U.S. Department of the Treasury, “Treasury Targets Russian Financial Facilitators and Sanctions Evaders Around the World”, comunicado de imprensa, 12 abril 2023.

³³ Nomaan Merchant, Ellen Knickmeyer e Jon Gambrell, “Leaked US Intel: Russia Operatives Claimed New Ties with UAE”, Associated Press, 11 abril 2023.

³⁴ Arpan Chaturvedi, “India Ties up with UAE to Settle Trade in Rupees”, Reuters, 15 julho 2023.

³⁵ “China, UAE air forces to conduct first joint training”, Xinhua, 31 julho 2023.

³⁶ “UAE Rejects Mischaracterisation of US-UAE Conversations Regarding Maritime Security”, Emirates News Agency, 31 maio 2023.

³⁷ Rory Jones, “Saudi Sovereign-Wealth Fund Reveals Finances for First Time Ahead of Bond Sale”, *Wall Street Journal*, 28 setembro 2022.

³⁸ Zachary Cohen, “US Intel and Satellite Images Show Saudi Arabia Is Now Building Its Own Ballistic Missiles with Help of China”, CNN, 23 dezembro 2021; Summer Said e Stephen Kalin, “Saudi Arabia Considers Accepting Yuan Instead of Dollars for Chinese Oil Sales”, *Wall Street Journal*, 15 março 2022.

³⁹ Maclyn Senear, “Qatar Displays Chinese Missile”, *Arms Control Today*, 1º março 2018; “Russia, Qatar Sign Contracts for Delivery of Small Arms, Kornet Missile Systems”, TASS, 21 julho 2018; “Qatar Still Studying Russian Defense System, Minister Says”, *Reuters*, 4 março 2019.

⁴⁰ U.S. Department of State, “S/P Director Haass and Chief of Staff Muhammad bin Zayid Discuss Iraq, Iran, and Saudi-U.S. Relations”, cabo diplomático: 03ABU-DHABI237_a, 15 janeiro 2003.

⁴¹ Malise Ruthven, “MBS: The Rise to Power of Mohammed bin Salman—A Palace Coup”, *Financial Times*, 30 abril 2020.

⁴² Mais notavelmente, o *New York Times* descreveu como Salman Al-Awda defen-
de a democracia em sua escrita e nas redes sociais. Robert F. Worth, “Leftward Shift
by Conservative Cleric Leaves Saudis Perplexed”, *New York Times*, 4 abril 2014.

⁴³ Jeffrey Goldberg, “The Obama Doctrine”, *Atlantic*, abril de 2016.

⁴⁴ Ver, por exemplo, “Saudi Arabia Responds to Declassification of the ‘28 Pages’”, Embaixada do Reino da Arábia Saudita, 15 julho 2016.

⁴⁵ Barak Ravid, “Why a Bill the U.S. Handed to the UAE Last Year Shocked MBZ”, *Axios*, 10 maio 2023.

⁴⁶ John Irish e Amena Bakr, “Qatar Says ‘Prejudice and Racism’ Behind Criticism of 2022 World Cup”, Reuters, 3 junho 2015.

⁴⁷ Christopher Dickey, “‘MBS’ Chronicles the Shockingly Young, Powerful and Ruthless Saudi Crown Prince”, *New York Times*, 9 março 2020.

⁴⁸ Anwar Gargash, “Amid Challenges, UAE Policies Engage Gradual Reforms”, *The National* (EAU), 25 agosto 2012.

⁴⁹ Christopher M. Davidson, *From Sheikhs to Sultanism: Statecraft and Authority in Saudi Arabia and the UAE* (Nova York: Oxford University Press, 2021), pp. 113–24.

⁵⁰ Davidson, *From Sheikhs to Sultanism*, pp. 237–67.

⁵¹ Eddy Wax, “EU Parliament Aims to Tighten Access for Qatari, Moroccan Diplomats”, *Politico*, 14 abril 2023.

Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EstadoDemocracia>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

Meios de comunicação e Democracia:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#MediosComunicacion>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EnsaioDemocracia>

Sociedade civil e democracia:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CohesionSocial>

Bibliotecas virtuais:

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca>

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca-sociedade>

Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#RecursosPesquisa>